



*O Estado moderno e controle de pulsões:  
notas de pesquisa*

Giovana D'Arc Moyzes<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestra em Ciências Sociais (PUC-SP) e Professora de Cerimonial, protocolo e etiqueta na Universidade Vila Velha.

Durante o período medieval, a fragmentação do poder político e econômico na mão de vários senhores feudais, levava a violência. Isto por que, para se manter o nobre precisava ser guerreiro. Desta forma, existiam vários exércitos ao controle dos senhores feudais.

Outra questão acarretada pela estrutura social e pela multiplicidade de poderes, era a justiça, que cabia a ordem divina. Contudo, na prática, as disputas entre os nobres, os conflitos, eram muitas vezes levados ao extremo da batalha.

A ascensão da figura real apenas foi possível a partir do século XV devido sobre tudo ao fortalecimento da burguesia e ao enfraquecimento do poder feudal. Com a desvalorização monetária e o auxílio da burguesia o rei passou a manter o monopólio do exército, pois podia pagar o soldo.

Os nobres, antes guerreiros, foram levados a tutela da influência real. É a constituição da corte. Desta forma, a antiga aristocracia bélica perde sua influência para a nobreza de corte.

Essa foi uma das formas do movimento de constituição do Estado Moderno que passou a monopolizar o controle da violência. Cabia a figura real o controle do exército da atividade da guerra. A justiça também concentrou-se na figura real. Segundo Elias, tais questões levaram ao controle da violência.

Com os nobres guerreiros proprietários rurais dependentes do rei e destituídos de sua força militar, a sociedade é pacificada. Na França, no século XVII o ciclo de violência termina após uma série de vitórias que afirmam o poder real. Na Inglaterra, Henrique VIII

tenta submeter seus barões e no século XVIII a classe proprietária, a aristocracia e a pequena nobreza, conseguem desenvolver um regime parlamentar de forma a equilibrar o poder real. A violência, controlada, passa a ocorrer apenas dentro de regras pré-estabelecidas. (ZIMMERMANN, 2008. p. 6)

Com o controle da violência e o crescimento da corte, o convívio social cresce, precisando criar normas de convívio. Além disto, na corte, há a necessidade da busca de interesses, como mostra Elias (1993, p.18):

A pressão da vida de corte, a disputa pelo favor do príncipe ou do "grande" e depois, em termos mais gerais, a necessidade de distinguir-se dos outros e de lutar por oportunidades através de meios relativamente pacíficos (como a intriga e a diplomacia), impuseram uma tutela dos afetos, uma autodisciplina e um autocontrole, uma racionalidade distintiva de corte, que, no início, fez que o cortesão parecesse a seu opositor burguês do *senha* XVIII, acima de tudo na Alemanha mas também na Inglaterra, como o *suprassumo* do homem de razão.

Assim, para o autor, civilização e violência estão relacionados em um processo de longa duração, onde as funções corporais e o controle de pulsões e emoções explicam a pacificação dos costumes. As emoções de nojo, pudor e vergonha estão articuladas ao processo civilizador, conduzindo ao controle da violência e a diminuição do desejo de agressão.

Tudo isto articulada ao monopólio da violência pelo Estado, esta passa a ser confinada aos quartéis, aos membros das forças armadas e a polícia. E em alguns casos, ainda deve se pensar nos esportes, como meio de controle da agressividade da

sociedade. Visto que, há nos esportes, como futebol, uma luta, uma verdadeira batalha pela vitória dentro de campo, regida também por regras. (ZIMMERMANN, 2008. p. 6-7)

Ainda pensando em como o controle da violência possibilitou o surgimento da civilização, Freud esclarece (FREUD apud ZIMMERMANN, 2008, p.7):

Visa a unir entre si os membros da comunidade também de maneira libidinal e, para tanto, emprega todos os meios, favorece todos os caminhos pelos quais as identificações fortes possam ser estabelecidas entre os membros da comunidade e, na mais ampla escala, convoca a libido inibida em sua finalidade, de modo a fortalecer o vínculo comunal através das relações de amizade. Para que esses objetivos sejam realizados, faz-se inevitável uma restrição à vida sexual. Não conseguimos, porém, entender qual necessidade força a civilização a tomar esse caminho, necessidade que provoca o seu antagonismo à sexualidade. Deve haver algum fator de perturbação que ainda não descobrimos.

Fica claro, que para Freud o processo civilizatório ocorreu graças à sublimação da energia pulsional, pois a inclinação a violência impediria a civilização. Tal questão é trabalhada e ampliada por Elias em sua obra.

Discordante desta percepção, Peter Gay defende a introspecção da burguesia e de sua cultura. Para o autor, o refinamento e as boas maneiras são formas de buscar o isolamento (GAY apud ZIMMERMANN, 2008, p.7):

Os que podiam se afastavam gradualmente da expressão imediata de suas demandas emocionais para administrar e controlar a gratificação delas.

Os semanários moralizantes do século XVIII se esforçavam por ensinar aos bons burgueses as bênçãos da bondade a tolerância no trato com seres inferiores como as mulheres, crianças e os pobres. Havia muitas pessoas de classe média tinham aprendido a comer com o garfo, em lugar dos dedos; agora na idade do iluminismo, eram instruídas a polir sua conduta e a adquirir certa finura nos meios da cultura mais elevada.

Já para Elias, o autocontrole e as normas sociais retiram a tensão da esfera do indivíduo e a deslocam para o monopólio da violência pelo Estado, o que leva a um progresso relativizado. Pois os indivíduos estão interligados em um jogo de poderes. O poder esta presente em todas as relações humanas, esta ligado ao grau de independência dos indivíduos, seja por questões econômicas, status, excitação ou outras questões. (ZIMMERMANN, 2008, p. 8).

Portanto, foi graças ao monopólio da violência pelo estado, que o convívio social nas cortes desencadeou o processo civilizador. Tudo isto graças a necessidade de convívio, ou seja, as relações de poderes. Assim, a violência parou de ser exercida pelos indivíduos, que tiveram que controlar a energia pulsional. A criação de regras e normas surgiu como forma de controle das pulsões.

As regras de etiqueta e de convívio social, regulam como o indivíduo deve lidar com o seu corpo em diversos momentos, mas principalmente em público. O controle da emoções, dos sentimentos são fundamentais para a "etiqueta". Um dos principais momentos de interação social, é justamente a comensalidade, por isto existem uma série de manuais e regras a

respeito deste momento tão importante para a vida social.

## Referências

ELIAS, Norbert. "O processo civilizador". v.2. RJ: Jorge Zahar: 1993

ZIMMERMANN, Tânia. "Apontamentos sobre Civilização e Violência em Norbert Elias". Revista História em Reflexão: Vol. 2 n. 4 – UFGD - Dourados jul/dez 2008.